

SUÍCIDIO ENTRE JOVENS E A BANALIDADE DO MAL

Mônica Paranhos Coelho

Graduada em Educação Física pela UERJ¹

Mestre em Educação pela UFF²

Professora da SEEDUC/RJ³ e SME/RJ⁴

Na pesquisa com a qual recebi meu título de Mestre pela UFF “*Os Jovens da Cultura Marginal no Cotidiano das Aulas de Educação Física numa Escola Estadual em Duque de Caxias*”, estive diante de uma realidade que até então pensava estar distante de mim, o suicídio.

Me perguntava como moças e rapazes tão jovens poderiam pensar em tal atitude? Afinal estão na luz da mocidade, das paixões, das alegrias, das descobertas, energia para dar e vender, é certo que ser jovem não é nada fácil, caracterizado por viver um período muitas vezes conturbado, cheio de incertezas, de desilusões, mas daí chegar a cometer uma automutilação ou mesmo o suicídio, tocou minha alma e, por isso me senti na obrigação de embrear nesse mundo tão obscuro.

Tristeza é um sentimento que faz parte da natureza humana, com o tempo e maturidade nós aprendemos a administrar esse sentimento, mas quando este sentimento vem junto com uma falta de perspectiva, de falta de sentido na vida, transforma-se em um sentimento mais profundo, a dor na alma.

Esta dor na alma é algo inexorável. Só quem a teve um dia, pode chegar a compreender o que o outro está passando, mas nunca explicar como ela é de fato. Pois cada um é um ser culturalmente construído e, portanto, cada um possui valores e saberes diferentes a cerca de cada categoria ou assunto. Motivos que levaram um jovem a cometer uma automutilação ou suicídio, necessariamente não são os mesmos que levaram ou levarão um outro jovem a cometer tal atitude.

Falar sobre o suicídio é muito complexo, mas necessário e, não é qualquer pessoa que deve abordar sobre este assunto, acredito que deva ser por pessoas que pelo menos passaram por algum processo de depressão ou de ansiedade para que a empatia o leve a compreender este outro que se encontra deprimido, angustiado, ansioso e tentar abrir o diálogo com este ser que se encontra aprisionado nesses sentimentos obscuros.

Escrevo isso, pois fui uma dessas pessoas na pesquisa, que por um acaso me vi envolvida, por ter me visto no outro que era eu num passado próximo, tomada por esse sentimento de invalidez, de ser inútil, de ser incompreendida.

Mas passado os percalços e ciente da missão durante a minha existência, tentarei enquanto puder ajudar estes jovens a olhar este mundo com outros olhos, mostrar-lhes que a vida pode ser difícil, mas não impossível e, que a cada

¹ Universidade Estadual do Rio de Janeiro

² Universidade Federal Fluminense

³ Secretaria de Estado de Educação Do Rio de Janeiro

⁴ Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro

atitude maléfica a qual fomos submetidos, podemos através do conhecimento e do amor ao ser humano, transformar essa realidade.

Então relatarei um pouco do que vivi com esses jovens durante a pesquisa...

A SEEDUC- RJ solicita todo ano, através do PLE⁵, propostas de trabalho, temas para serem trabalhados na escola. Neste ano de 2017, o tema escolhido foi *bullying*. Apaixonada pela corporeidade desses alunos, propus a eles que se dividissem em grupos e que representassem cenas do cotidiano da escola relacionadas ao *bullying*. Eles adoraram a ideia, se organizaram, e cada grupo encenou casos de *bullying* que presenciaram na escola e as atuações foram filmadas por mim no dia 03/04/17. Várias foram as cenas de *bullying* com tipos relacionados à diversidade de gênero, padrões de beleza, questões raciais etc.

Uma atuação me tocou e desde então olho para esse rapaz com outro olhar.

A cena é referente a um aluno homossexual que adentra em sala e se depara com um grupo de alunos machistas e preconceituosos que começam a ofendê-lo e agredi-lo. A agressão é interrompida por uma aluna colega do rapaz que o retira da sala. Pensando que estivesse terminado, ele surge na sala realizando um monólogo, relatando o que ele sente, o que ele acha sobre o preconceito, sobre a sociedade e principalmente sobre o suicídio, como forma de acabar com o seu sofrimento. Ele chorou.

O aluno é um jovem de 16 anos do nono ano do ensino fundamental; a princípio, descolado, antenado, faz balé clássico e curso de teatro. Pensei que estivesse “encenando”, mas quando acabou a cena, ele veio em minha direção e me agradeceu por ter oferecido a ele esta oportunidade na escola, pois ele se sente excluído por ela. Desde então me confia o desejo de viver da dança e me solicita dicas e apoio para ensaios coreográficos.

Realizando com eles o trabalho sobre *bullying* e acompanhando as *timelines*⁶ dos alunos, observei que a presidente do grêmio, então com 16 anos no terceiro ano do ensino médio, solicitava com certa urgência o livro “O Suicídio”, de Karl Marx. Fiquei curiosa, pois já era a segunda vez em uma semana que a palavra suicídio estava me rondando. Procurei uma amiga professora, no dia 10/04/17, responsável pela sala de leitura e, portanto, pelo PLE.

Comentei:

- (nome da professora), consegui realizar com os alunos o trabalho do PLE, mas teve uma encenação que me tocou. Uma cena sobre suicídio... o aluno chorou e agradeceu... por ter dado este espaço para ele...

Numa voz sorrateira, ela disse:

- Tem outros casos de alunos e ex-alunos também, Mônica, que já tentaram o suicídio, fazem automutilação, mas não gostam que a gente comente por acharem que fomenta ainda mais estes pensamentos... eu discordo.

⁵ Projeto de leitura escolar

⁶ Linha do tempo das publicações pessoais no Facebook

Professora Marginal⁷:

- Eu também! Que absurdo! É preciso falar sobre isso com eles!

Fui para casa e no dia 13/04/17 leio uma postagem dessa mesma aluna na rede social:

“Faz algum tempo que a ansiedade faz parte da minha vida. Algum tempo que o medo e a insegurança tomaram conta de mim. Tem dias que tem muita gente perto de mim, mas eu só consigo me sentir sozinha.

Eu tenho 16 anos, e assim como qualquer pessoa da minha idade que passa por isso, fiquei ansiosa para assistir “13 Reasons Why”. O primeiro episódio eu assisti na escola, na aula de inglês que abordava o tema bullying. Foi legal, acho que meus colegas de turma adoraram. Também gostei, voltei a assistir em casa, mas parei no episódio 2 e já tenho 13 porquês para não continuar.

Como em 2017 o suicídio pode ser tratado de forma tão superficial?

Eles não se importam com as nossas vidas, eles se importam com o dinheiro. E o suicídio é um bom tema para uma grande audiência. Para mim, o suicídio é o fantasma da minha vida e da vida de vários outros amigos. O sistema me adoeceu e o sistema tá vendendo a minha dor em 13 episódios.”

(aluna)

No capítulo intitulado na pesquisa “Quando a escola excludente e improdutiva ajuda a marginalizar a sociedade”, cito o caso dessa aluna militante secundarista. No texto cito sua militância juvenil nas ocupações das escolas em Caxias, sobre o Grêmio Construção Coletiva do qual foi presidente e de sua contribuição à implantação das batalhas de rimas na escola.

Em 2016, foi minha aluna da turma 2004, e assisti de perto sua luta a favor da educação e do povo. Empatia foi imediata. Conversávamos bastante sobre tudo e lembro de como ela lutou para que as escolas do Estado do Rio de Janeiro tivessem eleições diretas para diretores.

Neste mesmo ano em outubro de 2016, a aluna comenta que iria reativar o grêmio. Pediu meu apoio e o de outros professores, então, os alunos montaram a chapa. A direção fomentou a necessidade de criação de outra chapa, de preferência uma que fosse representar os interesses da direção, e assim foi feito. Especulações na tentativa de liquidar com a chapa Construção Coletiva foram feitas, mas a Carol é uma líder nata, é uma oradora de primeira, ela sabe do que os alunos precisam e com isso a sua chapa venceu com maestria.

Primeiro passo foi dado pelos alunos, grêmio empossado, partiram então para as ações. Eles não queriam perder tempo. Esses adolescentes estampavam nos rostos suas euforias de quererem fazer algo transformador, mas precisavam de apoio da direção e este, o grêmio não tinha.

A implantação da Batalha de Rimadas, foi uma das ações, me solicitaram ajuda na tentativa de trazer este movimento cultural de força popular para dentro da escola, com o qual a direção não estava colaborando.

⁷ É um termo cunhado pela autora por traduzir o sentido do outro em relação ao seu trabalho. Forma de resistência cultural.

Então fui mediar com a direção sobre essa demanda dos alunos, já que não era um pedido só do grêmio e sim de vários alunos, principalmente dos invisibilizados, dos excluídos, que são os skatistas, os grafiteiros, os repetentes, os *rappers*, “os que não querem nada”, os marginalizados do sistema.

Depois de muita conversa, conseguimos realizar esta ação no dia 10/05/2017, que culminou na descoberta do Miguel Ângelo, o rapaz que também não era meu aluno, faltoso, com problemas familiares e comportamentais, apareceu no dia e se tornou o campeão da Batalha de Rimas.

Não entendia muito sobre a política nas escolas nem sobre poder, mas percebi que depois dessas ações, o grêmio com a presidente Carol e a professora Mônica estavam se tornando uma ameaça ao poder ali instalado.

Essa minha percepção se concretizou justo num momento cruel na vida escolar de Carol. Quando ela presenciou uma cena homofóbica no dia 01/06 /2017 dentro de sua sala de aula entre uma professora e seu colega de turma. Como toda pessoa indignada com tal situação ela o defendeu e foram todos parar na direção.

A situação foi a seguinte: todos foram parar na secretaria. O rapaz que foi a vítima, acredito por já ter naturalizado a condição de estar sendo sempre apontado pela sua escolha nesta sociedade patriarcal, racista e preconceituosa, disse que a professora errou, mas que deixaria para lá se pedisse desculpas, e ela pediu. Carol não aceitou, e argumentou dentro dos seus preceitos.

Insatisfeita a aluna postou na rede social:

“#MinhaProfessoraHomofóbica disse para a turma conversar com o aluno pra vê se ele muda o seu jeito”

Foi uma maneira que ela encontrou de denunciar, de repudiar o caso que ocorreu na sua escola, e que a direção, segundo outros, abafou. Carol não citou nomes, mas foi o suficiente para que a direção fizesse da vida dela, segundo ela, um verdadeiro inferno, um terror psicológico, chegando ao ponto de “convencerem” a presidente do grêmio a renunciar ao cargo.

Desde então percebi Carol triste e decepcionada com tudo e com todos. Ela simplesmente sai de cena... Carol deixa de ser a Caroline Januário para ser mais uma aluna de um colégio estadual da Baixada Fluminense.

Carol perdeu o ânimo de frequentar a escola, só pensava na luta, não via mais motivos de participar das aulas de uma escola que a exclui, que a deixa doente, que não a compreende, que a oprime, que a marginaliza.

Entrou num profundo quadro de depressão, precisou de ajuda profissional. A psicóloga Bruna entrou na sua vida. Por indicação de outros alunos que também se encontravam na mesma situação, esta acabou sendo minha parceira à distância, sobre Carol e outros alunos.

A ansiedade aumentava em Carol também devido ao ENEM⁸, e após realizar o exame, ela posta na rede esse texto em resposta a um comentário do Ministro da Educação⁹:

⁸ Exame Nacional do Ensino Médio, para o qual o aluno faz prova para adentrar numa universidade pública ou receber bolsas em faculdades particulares.

⁹ José Mendonça Filho.

“O ENEM é um exame que exclui a juventude pobre das universidades. O nervosismo que senti ao olhar a prova não foi pela prova em si, foi pelo nervoso de não ter visto mais da metade no ensino médio, saber que ao longo do meu terceiro ano não tive aula de matemática e que durante todo o meu ensino médio meus professores ficaram meses sem receber ou recebendo atrasado.

Desde o primeiro ano quando organizei o grêmio estudantil da minha escola enfrentei direção, SEEDUC e uma c@#%#@ de coisas para poder ter uma escola no mínimo mais diversificada e com um pouco mais de qualidade. Fui criticada por muitos, e até hoje eu sou, principalmente dentro da minha própria escola que hoje ao intensificar o tratamento do meu transtorno de ansiedade consigo enxergar que foi e é um dos principais elementos para tal transtorno.*

Enfim cheguei ao terceiro e 2017 foi o pior ano, a conjuntura se acirrou, a saúde mental não suportou bem e no final do terceiro ano eu tô no dilema de ter que mostrar para a escola que o que eu tenho não é brincadeira ou palhaçada. O que mais ouvi era que eu precisava ter forças para ser alguém, como se eu não fosse e que Deus iria me ajudar.

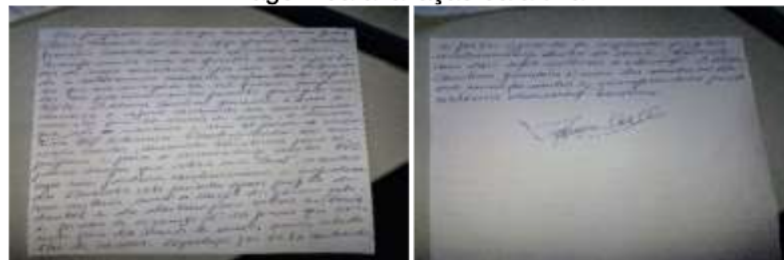
O sistema educacional f%\$#@ meu psicológico, e a minha saída foi lutar por um novo sistema educacional, um que não gere problemas psicológicos. Um sistema em que o nosso conhecimento não seja avaliado por uma prova de 180 questões, cuja metade não aprendi no ensino médio.

Sr. Ministro, você serve a burguesia, você não serve os filhos da classe trabalhadora. Eu não preciso de foco, eu preciso de uma educação pública, gratuita e de qualidade. Coisa que você não está a fim de oferecer, pois você me quer longe da universidade”.

(Fonte: Facebook de Caroline Januário)

Diante do quadro de Caroline, a psicóloga me solicitou uma avaliação sobre a aluna, já que a direção demorava a fazer.

Imagem da avaliação da aluna



Fonte: Mônica Coelho

Frente ao pedido, redijo a seguinte avaliação:

“Eu, Mônica Paranhos Coelho, ex-professora de Caroline Januário, considero-a uma excelente aluna, inconformada com as questões sociais e políticas de nossa sociedade, por isso sua criticidade e autonomia acabam confrontando àqueles que não conseguem ou não querem compreender seu posicionamento perante qualquer contexto. @

aluna Caroline Januário é uma liderança e espero continuar me socializando com ela fora dos muros da escola, a mesma que não reconhece nem tampouco incentiva tal liderança, desestimulando seu convívio escolar, causando transtornos para si própria e para a comunidade escolar. Pelo pouco tempo que estive com “Carol”, reconheci logo sua postura revolucionária e empoderada. Durante este período apoiarei projetos de sua autoria, como a eleição do grêmio estudantil e da abertura para outras culturas e formas de organização dos jovens que ocorrem fora dos muros da escola, como a batalha de rimas. Agradeço por tê-la conhecido e por ter ajudado a implantar projetos revolucionários dentro da escola, tentando com essas ações melhorar a educação. A aluna Caroline Januário é uma dos muitos alunos inconformados e incompreendidos por este sistema educacional brasileiro. Mônica Coelho.”

(Texto transcrito da imagem)

Mediante esta avaliação, a psicóloga solicitou que a direção anexasse este documento junto com o do outro professor na ficha escolar de Carol, para que na hora do conselho de classe, a aluna tivesse, além do respaldo psicológico, o escolar, justificando que mesmo com as faltas, a aluna corresponde à altura do desempenho esperado pelo sistema educacional.

A direção nada declarava, alegando motivos burocráticos, só fazia piorar ainda mais a ansiedade, e com isso aumentando a depressão da aluna. Esta então procurou alguns professores, para que tivessem um olhar diferenciado no conselho, mas nada surtia efeito.

Então Carol me procurou, e claro, disse que a defenderia no conselho, mesmo não tendo o mesmo peso de uma professora da turma, mas que iria por várias questões em pauta, se caso sua reprovação viesse a ser mencionada, uma delas seria, a própria avaliação psicológica.

Recebo uma mensagem de Carol me convidando para a formatura como professora homenageada da turma 3004, mesmo se ela fosse ficar reprovada, a turma queria me homenagear. Fiquei muito feliz por ter sido convidada, disse que ela não ficaria reprovada, que ela acreditasse. Carol é uma aluna a qual estimo muito, a mesma aluna que junto com os skatistas, me inspiraram ao meu retorno à vida acadêmica, ao mestrado, para então tentar encontrar as respostas às minhas angústias e de também tentar entender e atender as demandas destes jovens incompreendidos por esse sistema cruel.

Senti-me honrada pois não sou professora deles, mas a maioria deles foram meus alunos em outros anos. Tenho a consciência de que muitos jovens desenvolveram algum tipo de psicopatia, devido à uma série de questões familiares, sexuais, sociais, educacionais, vícios, por exemplo. Senti a obrigação de tentar compreender as causas e então ajudar dentro das minhas possibilidades e por isso não perdi o contato com eles.

No dia 11/12/2017, chego na escola com a notícia de que Carol tinha tentado o suicídio no fim de semana, tomando uma caixa de Rivotril. Ao contrário do que possam imaginar, não fiquei perplexa, muito pelo contrário, pois havia indícios de que algo assim iria acontecer.

Os sinais eram claros. Quando percebi o primeiro sinal, foi sobre o *post* da aluna comentado acima. Conversei com a coordenadora, que fez cara de pouco caso, achando que Carol queria mais era aparecer. Neste ela escreveu no dia 13/04/2017 sobre suicídio, justo na mesma semana em que tomei ciência na escola sobre mais dois casos.

Comentei com outros colegas de trabalho sobre os outros casos, dos quais fiquei ciente, mas é como se fosse um assunto proibido de falar. Muitas vezes me senti silenciada. Não se deve falar sobre suicídio, automutilação, depressão nem homossexualidade na escola. Isso me angustiava, e claro, aos alunos também.

À tarde, enviei uma mensagem via WhatsApp para que se ela não fosse à escola, eu iria à casa dela para conversarmos. Mas ela preferiu marcar comigo na escola terça pela manhã.

No dia 12 estava eu lá esperando Carol para uma conversa franca. Pois bem, ela chegou e ficamos numa sala conversando sobre o que aconteceu, e ela simplesmente confirmou tudo aquilo que eu já desconfiava. A escola estava fazendo mal a ela.

Comentou que a psicóloga entrou em contato com a escola, perguntando se tinham percebido algo, algum sinal que pudesse apontar essa tentativa de suicídio. Mas, como sempre, a escola respondeu que nunca percebera nada.

Fiquei perplexa, pois mostrei na mesma hora o *post* que ela havia escrito em abril deste ano, e comentei sobre outros que ela escreveu e disse que levei seu caso para a direção na época. Pedi que comentasse sobre isso com a psicóloga.

E fica minha reflexão: será que só eu percebi o caso dela e de outros? Claro que não! Mas por que são indiferentes¹⁰ quanto a isso?

Na conversa que tivemos, ela disse:

- Não consigo sair da cama e ir para uma escola onde professores são indiferentes, onde a escola é excludente, o que vale são os 20 pontos ou 75% de frequência, essa angústia, a incerteza da formatura... já tá até paga professora, mas sem previsão de aprovação, pois os outros professores dizem que falta reprova.

Começou a chorar...

Nessas horas o quê devemos dizer? Falei com a alma... e chegamos a conclusão de que pessoas como nós, sensíveis as dores do mundo, precisamos estar juntos para nos fortalecer e tentar transformar essa realidade. Nós somos os responsáveis por essa mudança.

E se já tínhamos algo que nos unia, esse laço acabou ficando mais apertado. Depois dessa conversa, a levei para ALERJ, pois ela, com o pessoal da AERJ, tinha uma audiência marcada sobre o Passe Livre (imagem abaixo).

¹⁰ Falta de interesse, de cuidado, de atenção com o outro.

Carol, diretora da FENET, e Ruan - presidente da AERJ, na ALERJ



Fonte: Página da AERJ no Facebook

Percebo que a escola não está conseguindo atender os jovens no sentido mais amplo de suas existências, não conseguem ou não querem aceitar nestes jovens as suas outras possibilidades de ser.

No caso do rapaz, ele quer ser dançarino e a comunidade escolar quer impor algo que ele não quer, fazendo com que o mesmo se angustie e se desespere ao perceber que não é aceito. A mesma o impede de se apresentar para a sociedade em sua total liberdade, excluindo-o desse sistema reprodutor, marginalizando-o.

A angústia de uma aluna, denunciando o sistema neoliberal, esse sistema que aprisiona e que não dá perspectiva aos jovens da periferia, ainda mais nos dias de hoje, com esse governo que retira direitos conquistados e que não está nem aí para a segurança, moradia, alimentação, saúde e educação; ainda mais se for para uma jovem crítica, militante e politizada como ela.

Mais um caso que gostaria de contar, sobre um aluno também do grêmio, este com 19 anos, no terceiro ano do ensino médio. Estava navegando na rede social quando leio o *post* no dia 17/04/2017.

Aluno:

- Alguém a fim de passar esta noite conversando?

Li e observei dois comentários dizendo que não poderiam.

Aluno:

- Mas que noite f%\$#@!!!*

Amigo do aluno:

- Postar no face não vai mudar nada!!!

“Curti” a postagem e iniciei a conversa com ele:

Professora Marginal:

- Muda sim!!! Quando tô sozinha e pilhada... nossa tem sempre um amigo que curte e fala m*\$%# pra mim... kkk faz uma diferença... acordo outra...

Resultado: de dois passaram para trinta os comentários.

Através dessa postagem descobri sua vocação para o desenho (imagem a seguir), e esse dom estava adormecido, devido aos problemas que ele vinha passando na família e na escola, adepto da automutilação. Desde então o estímulo, e a outros colegas também com os mesmos dons, a postarem seus desenhos. Estou montando até um portfólio. Percebo que já houve mudanças na sua maneira de agir, mesmo com os problemas que ainda podem estar acontecendo em casa. Eis aqui o terceiro caso de marginalização.

Frustrações, angústias, tristezas, são sentimentos que todo o ser humano deve passar como experiências vividas e superadas, para que num outro momento, ao retornarem com maior ou menor grau, sejam novamente e sempre superadas. Faz parte do ser humano essa roda viva, vivemos de emoções, de sentimentos, de percepções. Devemos como professores estar atentos para que esses sentimentos, emoções e percepções, não destruam o ser que pode estar ao nosso lado, no caso, nosso aluno. Acredito que a escola não está conseguindo trabalhar essa questão. Eis aqui uma das suas produções artísticas:

Desenho do aluno



Fonte: *Timeline* Facebook

Outro caso foi de um aluno também do terceiro ano do ensino médio que possuía pensamentos suicidas, quando percebeu a oportunidade de construir o grêmio 2018, no intuito de transformar a escola, esses pensamentos ficaram temporariamente adormecidos. Mas conforme aconteceu com a Carol, também o mesmo aconteceu com Ian e, infelizmente o perdemos...

A tentativa de suicídio de uma aluna e o suicídio de um aluno foram fatos ocorridos nessa escola em um curto espaço de tempo; uma por não corresponder à pressão da escola e do sistema educacional, e o outro nunca saberemos os reais motivos. Alguns indícios apontam relacionamentos familiares, sociais e a sua negação em servir as forças armadas, pois ele era

terminantemente contra o alistamento militar. Ian se suicidou no dia que teria de se apresentar.

Acredito numa escola que deva servir como porto seguro para estes alunos, que cada vez mais chegam a ela com cargas demasiadamente pesadas devido aos absurdos do mundo. Mas, em vez disso, a escola está servindo de prancha de navio pirata sobre a qual o amotinado caminha em direção ao seu destino.

Quando a educação não é libertadora ela mata o ser na sua essência, tornando-o um qualquer, um a mais do mesmo, nessa sociedade medíocre e hipócrita, que faz tudo em nome do poder.

O processo de marginalizar uma pessoa significa que, além de excluí-la devido ao seu capital cultural, seu gênero, sua raça, seus ideais etc., o sistema neoliberal ainda contribui em aumentar a criminalização, que é uma das vertentes do processo de marginalização. Quando o jovem não tem apoio da família e muito menos da escola, esta ajuda a levar este jovem ao fundo do poço. Culpa desse sistema excludente, opressor e reproduzidor que é o nosso sistema educacional brasileiro.

... Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Se a nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho senão viver plenamente a nossa opção. Encarná-la, diminuindo, assim, a distância entre o que dizemos e o que fazemos... (FREIRE, 1997, pág. 67).

Diante dessa postura que a escola tem com relação a esses alunos e diante de outros casos que pude comprovar, me reconheci e senti a obrigação de me marginalizar. Tornei-me a professora marginal. Escolhi ser marginal por reconhecimento, necessidade e compromisso com os meus alunos marginalizados por este sistema que não concordo e do qual não aceito fazer parte.

Dentro do contexto em que vivemos, o sistema neoliberal alimenta os mercados bélico e o narcotráfico, movendo bilhões de dólares para alguns grupos e, que através desse sistema, vão se mantendo no poder. Diante da falta de perspectivas para os jovens pobres da periferia, se não fizermos algo para ontem, os jovens serão cada vez mais recrutados pelo tráfico, ou pelas forças armadas, principalmente pela polícia militar, a mesma que se mostra opressora e repressora para os menos favorecidos, os marginalizados do sistema.

Infelizmente, para o jovem da periferia acabam sobrando esses dois caminhos: um que leva à violência, destruindo o ser; e o outro, à repressão de outro ser. O sistema é tão cruel que instintivamente estes jovens que defendemos hoje não hesitarão em oprimir aqueles que um dia tentaram defendê-los e continuarão tentando. Na lógica da sobrevivência, usam a lei do mais forte.

Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser opressor.
(FREIRE, 1996).

Desde 2013, com o avanço das manifestações das minorias sociais, os jovens estão ganhando voz, mas também estão sendo cada vez mais oprimidos e reprimidos cruelmente por esse sistema neoliberal que o enxerga apenas como mão de obra barata e reguladora, e não como um *ser* em sua plena existência.

Os jovens das periferias de Duque de Caxias clamam por lutar, porque lutar significa resistir, para manter a essência de suas existências. Se eles são impedidos de lutar, se eles não conseguem enxergar uma perspectiva de futuro, devido a uma sociedade que só sabe excluí-lo e marginalizá-lo, o que espera esse jovem e o que sobra para ele?

É preciso agir em relação ao que se passa com esses jovens, para que se libertem desse sistema que os reprime, que os escraviza, que os condena a um aprisionamento interno e perpétuo.

Partindo do princípio de que o ser é bom, entende-se que ele é induzido a ser mal, mesmo não querendo aceitar, e acaba por cometer as maldades por questões de sobrevivência, ou pior, porque deixou a essência.

Mas em qual período da vida humana se deixa a essência?

A vida adulta é atropelada pela rotina da vida, pela correria cotidiana e por isso muitas essências são adormecidas pelos ruídos da vida. E o jovem?

Podem pessoas tão jovens terem suas essências interrompidas pelos ruídos do mundo? E acometidos pelo mal? Ou por ainda terem suas essências afloradas, portanto sensíveis as maldades do mundo e, por isso não compreendem e ou não aceitam tais violências? Não seria um dos motivos desses jovens pensarem em tirar a própria vida, justo por não concordarem com tal absurdo?

Segundo a filósofa Hannah Arendt, em seu livro *Eichmann em Jerusalém* (1963).

O mal não é uma categoria ontológica, não é natureza, nem metafísica. É político e histórico: é produzido por homens e se manifesta apenas onde encontra espaço institucional para isso - em razão de uma escolha política. A trivialização da violência corresponde, para Arendt, ao vazio de pensamento, onde a banalidade do mal se instala. (SOUKUI, 1998)

Acredito que somente através da dialógica e da dialética entre os grupos que se encontram nessa tensão (estudantes, professores, pais, secretarias, sindicatos e políticos) na luta por uma educação que realmente liberte o ser, seremos capazes de transformar a sociedade. Mas para isso, precisaremos fomentar certos sentimentos os quais estão incorporados na humanidade, porém adormecidos devido aos ruídos do mundo: O AFETO E A EMPATIA e combater a indústria do ódio, a qual é fomentada devido à questão do PODER.

Para finalizar este artigo, o aluno que antes era mal visto pela escola por ser bailarino, após a pesquisa, o mesmo foi procurado pela gestão, oferecendo espaço para suas apresentações de dança. A aluna Carol foi aprovada na escola e hoje se encontra cursando História na UFRRJ e atual integrante do DCE da Rural. Apesar de sermos amigos no Facebook, o aluno desenhista não posta mais desenhos e pouco se pronuncia. E sobre lan... mantereí viva sua memória através das várias poesias que ele escreveu...

COMBUSTÃO ALCOÓLICA

***Copo roxo, boca seca
Vida seca, camisa larga
Monta seita, triângulo acaba
Não cabe em batidas
Marcas negras, casa queimada
Fogo consumindo todos de forma repetida
Enquanto o rádio toca a música
Que tava na moda semana passada***

***Levada que leva que a dor
Elevam-se só com elevador
Eu não entendo esse filme
Onde repetem a mesma cena
Com o mesmo ator
Onde repetem a mesma morte
A mesma falta de amor***

***Garrafa se enche, pessoa se esvazia
Garrafa esvazia, pessoa se enche
Enche-se de falsa harmonia
Esvazia-se da verdadeira companhia
Da verdadeira visão de mundo
Que até cegos enxergam todos os dias***

***E novamente o fogo queima
Enquanto o rádio toca
E as páginas se dissipam nas chamas
Enquanto a música te toca
O álcool que te aliviava
Agora dá combustível, ao fogo que em ti se enrosca***

(Ian Hojaij – Mano Hoja)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, N. **Sobre movimentos das pesquisas nos/dos cotidianos**. In: Alves, N. OLIVEIRA, I.B. de. Pesquisa nos/dos cotidianos das escolas. Petrópolis: Dpet Allí, 2008.

ARENDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **Responsabilidade e julgamento**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ARFUCH, Leonor. **O Espaço Biográfico**. Barcelona: Fce, 2010.

ASSIS, Machado. **O Alienista**, Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

_____. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

_____. **Questões de Literatura e de Estética**. São Paulo: HUCITEC, 1988

BAUMAN, Zygmunt. **Sobre educação e juventude**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BENJAMIN, Walter. **Escritos Autobiográficos**. Madrid: Alianza Editorial, 1996.

_____. **Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BOWLBY, John. **Apego**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma Teoria da Prática**. In: Ortiz, Renato (org.). Sociologia. São Paulo: Ática, 1983

_____. **A ontologia política de Martin Heidegger**. Campinas: Papyrus, 1989.

_____. & PASSERON, Jean Claude. **A Reprodução**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1970.

_____. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S/A, 1989.

BRANDÃO, Antonio C.; DUARTE, Milton F. **Movimentos Culturais de Juventude**. São Paulo: Moderna, 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. **O Educador: Vida e Morte**. São Paulo: Graal, 1985.

BRANDÃO, Zaia. **A crise dos paradigmas e a educação**. São Paulo: Editora Cortez, 1995

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

CALLAI, Cristiana & RIBETTO, Anelice (Orgs.). **Uma escrita acadêmica outra – Ensaios, experiências e invenções**. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2016.

CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Campinas: Papyrus, 2012.

_____. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

_____. **A invenção do cotidiano 2. Morar, cozinhar**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

COELHO, Mônica. **A difícil opção de ser uma Professora Marginal**. Niterói: Revista de Pedagogia Social da UFF, 2017.

_____. **Do boné e skate a rima e grafite**. Niterói: Revista de Pedagogia Social da UFF, 2018.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Editora Cortez, 1993.

CORTI, Ana Paula. **Diálogos com o mundo juvenil: subsídios para educadores**. São Paulo: Ação Educativa, 2012.

DUSSEL, Enrique. **Filosofia da Libertação na América Latina**. São Paulo: Loyola, 1977.

DERRIDA, Jacques. **Jacques Derrida: Pensar a Desconstrução**. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FANON, F. **Peles Negras, máscaras brancas**. Introdução e capítulo 1. Salvador: UFba, 2008.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

FISCHER, Beatriz T. Daudt. **Tempos de escola: Memórias (Vol. 2)**. Rio Grande do Sul: Oikos Editora, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir – Nascimento da Prisão**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

_____. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Professora sim tia não – cartas a quem ousa ensinar.** São Paulo, 1993.

_____. **Política e Educação.** São Paulo: Cortez, 1991.

_____ & TORRES, Carlos Alberto. **Estado e Educação Popular na América Latina.** Campinas: Papyrus, 1992.

_____. **Pedagogia do oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 2005.

_____. **Pedagogia da Indignação.** São Paulo: UNESP, 2000.

_____. **Educação como Prática da Liberdade.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **Cartas a Guiné Bissau.** São Paulo: Paz e Terra, 1978.

_____. **Extensão ou Comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 1975.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos Abraços.** Porto Alegre: L&PM, 2017.

GARCIA, Regina Leite. **Método: pesquisa com o cotidiano.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. **Método: Métodos: Contramétodo.** São Paulo: Cortez, 2003.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GERALDI, João Wanderley. **Tranças e danças. Linguagem, ciência, poder e ensino.** São Carlos: Pedro e João Editores, 2018.

GHIRALDELLI, Paulo. **Educação Física Progressista.** São Paulo: Edições Loyola, 1991.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO. **Palavras e contrapalavras: circulando pensares do Círculo de Bakhtin – Caderno de estudos V.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo.** Petrópolis: Editora Vozes, 1989.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História.** São Paulo: Paz e Terra, 2008.

JARES, Xesús R. **Pedagogia da Convivência.** São Paulo: Palas Athena, 2008.

KAHLMAYER-MERTENS, Roberto S. **10 lições sobre Heidegger.** Petrópolis: Vozes, 2015.

LEBRUN, Gérard. **O QUE É PODER.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

LEMINSKI, Paulo. **Caprichos e Relaxos.** São Paulo: Círculo do Livro, 1987